

“JUCA, O TROPEIRO”: A DESCONSTRUÇÃO DO REGIONAL COMO SIGNO DA NACIONALIDADE EM VISCONDE DE TAUNAY

Doutoranda Gislei Martins de Souza (UNESP - Assis)

Resumo:

Este trabalho objetiva fazer o estudo do conto “Juca, o Tropeiro”, do Visconde de Taunay, que foi publicado em 1874 na coletânea intitulada Histórias Brasileiras. Verticaliza de que modo o Visconde de Taunay propõe um deslocamento em relação à estética romântica que buscou eleger um novo signo da nacionalidade, à época da Guerra do Paraguai, com base na ideia de individuação regional. Percebe-se que, ao trazer a figura do tropeiro Juca Ventura de modo irônico, o conto questiona a organização político-militar e o seu modo de engajar os sujeitos para lutarem pelo país durante a Guerra. Crítica que também caberia à crença de que a instituição armada conseguiria levar o país à modernização em curto prazo. Para tanto, tem-se como suporte teórico os estudos realizados por Hardman (1998), Schwarz (1992), Maretti (2006), dentre outros, a respeito da contradição entre o discurso da nacionalidade e a realidade vivida durante a Guerra.

Palavras-chave: “Juca, o Tropeiro”, nacionalidade, individuação regional.

1 Introdução

O século XIX, no Brasil, teve como tópica desenvolver em âmbito literário a construção da nacionalidade, o que levou seus escritores a buscarem no interior do país a inspiração necessária para configurar uma identidade tipicamente brasileira. A opção feita foi a do sertanejo que apresentava as características marcantes para arregimentar uma definição da nacionalidade brasileira. De acordo com Berthold Zilly (2001, p. 288-289), “Cabe ao sertanejo, na formação étnica e civilizatória do Brasil, papel importante, pois prefigura uma raça mestiça, possível base da nação nascente, autêntica, autóctone e civilizada ao mesmo tempo”.

Percebemos, desse modo, que o sertanejo passa a ser o foco para a busca da nacionalidade brasileira. Mostra-nos José Maurício Gomes de Almeida (1999) que o conceito de sertão ascendeu no momento em que a tópica indianista começou a se esgotar. Com o grande influxo das modernas ideias filosóficas e estéticas provenientes da Europa, o idealismo romântico foi deixado de lado, o que tornou inviável a mitificação do índio no Brasil. Tornava-se necessário “buscar outros símbolos, de existência mais palpável, em que se p[udessem] cristalizar os anseios ainda atuantes de afirmação nacional” (ALMEIDA, 1999, p. 39). Para tanto, elegeu-se o sertanismo como fenômeno adequado para solucionar o problema da autenticidade cultural em nosso país. O motivo desta escolha, como apreende Almeida, deveu-se ao fato de o sertão ser uma região ainda não contaminada, digamos assim, pela penetração da influência estrangeira.

Quando pensamos na literatura produzida pelo Visconde de Taunay, chegamos ao entendimento de que este autor não conseguiu se enquadrar na linhagem dos escritores de

seu tempo. Como mostra Maria Lídia Lichtscheidl Maretti (2006), o caráter transitivo da produção do Visconde de Taunay está menos na dualidade Romantismo/Realismo, do que no imaginário do país em transição para a modernidade, que começou a partir da guerra contra o Paraguai. Seguindo esta perspectiva de estudo, que foge ao enquadramento da literatura de Taunay no paradigma romântico, propomos compreender no conto “Juca, o Tropeiro” (1874), do referido escritor, o modo pelo qual a personagem principal, Juca Ventura, é configurado como sertanejo que desconstrói o ideário romântico de individuação nacional.

2 Desventuras de Juca Ventura

O conto “Juca, o Tropeiro” narra a história de Juca Ventura, que apresenta caracteres de um personagem exemplar, quiçá heroico, por suas qualidades de homem trabalhador, honesto, corajoso, dentre outras. Juca, por sua vez, havia se apaixonado por Babita, filha de dona Cula. Contudo, com a chegada da Guerra do Paraguai, ele acaba sendo convocado para combater e deixa Babita à espera do retorno dele. “Juca, o tropeiro” é narrado em terceira pessoa por um narrador que ultrapassa a observação dos fatos descritos para se alinhar ao ponto de vista da personagem principal. O narrador também não se exime de fazer comentários a respeito das condições em que se situavam os homens recrutados para o trabalho na Guerra. Retomando o enredo, surge, na vila em que Babita mora, a notícia de que Juca havia morrido, o que resulta no casamento dela com um emboaba (português) chamado Chico Luiz e de quem teve um filho. Quando a Guerra teve seu fim, Juca retornou à Corte, onde foi aclamado herói e vitorioso. Um empecilho, contudo, acaba com a alegria de Juca Ventura, a saber, a ciência de que seu grande amor já havia arrumado outro. A resolução para o problema não levou Juca a cometer um atentado contra o casal traidor. Pelo contrário, em suas reflexões Juca chega à conclusão de que a Guerra projetou as condições para a tragicidade de sua vida.

Pelo exposto, notamos que Juca Ventura apresenta, num primeiro momento, um perfil que traz à tona a tópica romântica da identidade brasileira construída nos moldes civilizatórios:

Devéras, camaradas, Juca Ventura, filho de Minas Geraes e tropeiro desde em menino, era um companheiro, alegre e estimado, como nenhum outro nas tropas que costumam botar cargas para Goyaz e Matto Grosso e trabalhar n'aquelles sertões brutos. [...]

Uma só coisa o aborrecia. Era quando lhe faltava o serviço, mas isso era tão raro que bem poucos poderião dizer tel-o visto calado e amofinado.

Não havia capataz que o não desejasse em sua tropa, porque não era só de lingoa que ele fazia bichas (TAUNAY, 1874, p. 185).

Percebemos que o narrador projeta Juca como um homem extrovertido e capaz de superar as animosidades da vida. O próprio nome desta personagem é bastante sugestivo na medida em que lembra as bem-aventuranças bíblicas, como também leva-nos a pensar no sentido de “fortuna”, “prosperidade”, “sorte” e outros. Contudo, se refletimos no significado de “ventura” como “à revelia” e legado ao “acaso” e ao “destino”, percebemos certa ambiguidade presente na configuração da personagem, ainda mais quando

consideramos as desventuras pelas quais passou durante a Retirada da Laguna e o fim desolador da sua grande paixão. Tal ambiguidade mostra a crise pela qual o Brasil passou à época da Guerra do Paraguai, na qual a população estava indiferente ao sentido desta empreitada bélica.

Juca configura-se como o viajante que desbrava as estradas desconhecidas dos vastos sertões e, acima de tudo, tem o domínio sobre a natureza bravia. Nesse sentido, vemos que Juca Ventura ultrapassou o estágio de ser rendido ao mundo mítico, pois, assim como Ulisses, havia vencido a natureza durante sua jornada. Isso porque, de acordo com Theodor Adorno e Max Horkheimer (1985, p. 22) "o que os homens querem aprender da natureza é como empregá-la para dominar completamente a ela e aos homens". Contudo, percebemos que apesar de Juca, no decorrer da narrativa, fazer vários questionamentos a respeito do desastre que foi a Guerra do Paraguai, ele não atinge o total esclarecimento para negá-la.

Vemos ainda que Juca foge à alcunha de que o povo do sertão seria preguiçoso, tendo em vista a necessidade que Taunay tem de ressaltar os bons dotes da personagem em relação ao trabalho. Nas palavras de Eneida Maria de Souza (2001), o tema referente à preguiça se contrapõe ao ideal iluminista e racionalista, o que nos leva a considerar que a figura de Juca alcança uma posição elevada diante daqueles que estão na Corte e vivem na obscuridade de pensamento, a saber, na preguiça. Sendo assim, o espaço do sertão em "Juca, o Tropeiro" deixa de ser considerado como um lugar propício ao "culto da preguiça e ao direito ao ócio", conforme expressão de Souza (2001), por apresentar um clima quente.

Juca configura-se também como o narrador-viajante que, como aponta Walter Benjamin (1994), viveu experiências capazes de serem intercambiadas. O próprio narrador de "Juca, o Tropeiro" assevera: "Quantas vezes tinha elle deixado de fechar os olhos a contar aos camaradas historias do sertão" (TAUNAY, 1874, p. 187). Juca também é o sujeito que não receia de gastar seu dinheiro, o qual nunca lhe falta, e que brinca com as moças das vilas e povoações sem faltar-lhes com o devido respeito. Vemos, portanto, que Juca apresenta caracteres regionais que são capazes de projetar a nacionalidade tão cara ao Romantismo brasileiro. Quanto a isso, Almeida (1999) ressalva que o regionalismo literário propriamente dito não se configurou no âmbito do Romantismo brasileiro. Entretanto, como o nacionalismo sempre esteve em primeiro plano, nesse momento histórico de construção de uma identidade nacional, poderia ser localizada, segundo Almeida, certa tendência regionalista na maré de crise em que caiu a tópica romântica. Isso se deve ao fato de que, pela necessidade de individuação nacional, os escritores românticos teriam sido levados a particularizar o regional elevando-o à escala universal, processo este iniciado por Franklin Távora. Nesse caso, torna-se relevante notarmos que a figuração de Juca Ventura revela aspectos regionais que atingem o universal, sendo, portanto, um representante apropriado para a identidade nacional brasileira.

Babita, o grande amor de Juca, assim como a personagem Iracema, de José de Alencar, tinha "os cabelos pretos como aza da graúna" (TAUNAY, 1874, p. 190). Cobiçada pelos rapazes das redondezas de Goiás, Babita, antes de Juca, tinha como pretendente eleito por sua mãe o português Chico Luiz. Contudo, a moça não queria firmar relação com ele, pois era emboaba, ou seja, português. Vemos aqui a xenofobia que foi alimentada no Brasil após a proclamação da Independência e, em seguida, a da República. Um dos projetos políticos de Taunay, apontado por Maretti (2006), dizia respeito justamente à instalação dos imigrantes europeus no Brasil. Segundo Maretti, os projetos políticos de Taunay, como o mencionado acima, comporiam uma imagem moderna de Brasil e que não encontraram respaldo diante da realidade brasileira. Uma realidade com práticas escravagistas e oligárquicas, mas que era encoberta pela disseminação de um conjunto de

ideias de cunho liberal. Sendo assim, vemos que a identidade nacional proposta para encarrilhar o Brasil no rol das grandes nações modernas ainda estava mal resolvida. A disputa entre Juca, que possui o amor de Babita, e Chico Luiz, o qual consegue assegurar os bens materiais e de sangue, corresponde a uma crítica feita por Taunay em relação ao modo como o país tentou negar o legado de Portugal, esquecendo assim suas raízes. O desejo de estigmatizar a imagem do sertanejo acaba sendo visto como uma forma de reprimir a herança advinda do branco colonizador e português.

Passamos agora para a observação no conto “Juca, o Tropeiro” da chegada das primeiras notícias sobre a Guerra da Tríplice Aliança, a qual veio desestabilizar a vida pacata de Minas Gerais:

[...] Uberaba tão socegadinha! **Longe de tudo e de todos no meio de seus sertões!**

Não se fallava senão em guerra!

Juca Ventura desde S. Paulo **viera ouvindo contar que o Império do Brazil estava n'uma pendência muito grossa com uma republica chamada do Paraguay, que havia muito fogo de parte a parte, gente e mais gente partia para fora, que muitos ião por gosto, outros a páo e corda, que o recrutamento roncava feio e forte e os rapazes andavão disparando para os matos**, mas como ninguém veio mexer com a vida d'elle e lhe perguntar quantos annos tinha, seguiu sossegado o seu caminho do interior, sem se occupar com as novidades, a vir se casar, única cousa que lhe importava n'este mundo. [...]

Parece que os negócios não ião bem. **O governo da côrte tinha posto nos jornaes que todos devião combater, que a guarda nacional havia de marchar, que era a occasião da gente mostrar a sua coragem e uma lenga-lenga muito grande, tudo para levantar voluntarios** (TAUNAY, 1874, p. 203-204, grifo nosso).

Neste fragmento, percebemos uma perspectiva sobre a Guerra que foge ao discurso oficial, o qual busca aclamar somente os feitos heroicos do país. Em um primeiro momento, notamos como a população além de não ter o conhecimento sobre a Guerra, ainda estava inerte aos fatos que a encaminharam para a condição de decadência. As notícias chegavam embaralhadas e sem uma consistência, como bem deixa realçado o narrador. Temos que levar em conta o fato de que o narrador dá destaque também ao modo como a população estava assustada com esta situação e, sem saber como agir, acaba abandonando o barco. Torna-se interessante observamos que o narrador, a todo momento, mostra o autoritarismo presente no recrutamento dos jovens por parte do governo que, assim como o povo, desconhecia o rumo a ser tomado, já que o exército recrutado não era suficiente para o combate.

Somente o herói de Taunay, Juca, não temia a situação vindoura. As promessas para aqueles que aceitassem participar da Guerra eram as das mais sublimes:

Um bello dia o commandante superior da guarda nacional [...] fez uma falla meio gaguejada em que disse que era preciso ir acabar com o inimigo, que os brasileiros nunca tinham sido vencidos, que a gente de Uberaba ia ganhar um nome illustre, que todos haviam de voltar com vida e bom dinheiro no bolso, que o Brazil contava com os seus filhos, etc, etc, e depois de toda essa perlanga acabou dando vivas ao Imperador e á

Constituição, no que foi acompanhado com muito barulho por outros homens de casaca reunidos a um lado da sala.

Mas ahi é que cabia bem uma pergunta?

Porque é que aquelle commandante superior não marchava também para a guerra? Então só lá devião ir os pobres soldados para chuchar bala como terra em pó, e os coronéis e mais officiaes de dragonas cheias a se deixarem ficar muito a gosto e só enchendo as bochechas com patriotadas? (TAUNAY, 1874, p. 204-205).

O trabalho de recrutamento da população foi feito com base nas promessas de galardão e boa fortuna. Mesmo usando de uma retórica refinadíssima, vemos que os companheiros de Juca desertaram do quartel, restando apenas ele. Aqui torna-se sugestiva a crítica feita pelo narrador em relação à recusa dos grandes comandantes em marchar à Guerra. A discrepância dessa realidade aumenta ainda mais quando o narrador usa a expressão irônica “bochechas com patriotadas”, realçando que o discurso das elites militares sobrepujava as necessidades do país. Juca, o herói de nossa gente, fica! Isso porque, em sua ingenuidade, acreditava que não poderia quebrar o juramento sagrado com a pátria. Nosso herói acaba perdendo a força de representante da nacionalidade, pois, assim como o povo, fica à mercê da situação e não consegue se posicionar diante das regalias militares. Como afirma o narrador, “Assim, também pensava Juca Ventura, mas não disse patavina” (TAUNAY, 1874, p. 206).

A partir desse momento, surge toda sorte de ameaça, por parte da guarda nacional, para àqueles que resolvessem fugir do quartel. Assim, os oficiais militares ganham uma configuração de verdadeiros monstros por meio do olhar incisivo do narrador. Desse modo, é que surgiram ameaças de que se “cortaria pelo meio todos aquelles que quizessem sahir” (TAUNAY, 1874, p. 207). Mais uma vez visualizamos como a Guerra fez com que o país experimentasse um verdadeiro retorno à condição de barbárie. Ao invés de conseguir a projeção do sentimento nacional, o narrador de “Juca, o Tropeiro” termina por mostrar de que forma um patrimônio cultural é erigido pela exploração da força de trabalho daqueles que estão à margem da sociedade. O narrador ainda faz a ressalva de que até mesmo as mulheres que eram indiferentes à “negocios geraes” ficaram apreensivas com o posicionamento dos militares frente aos desertores. Nem mesmo a bravura de Juca Ventura, em superar as adversidades da guerra, fez com que ele angariasse um título de honra. Essas regalias eram direcionadas apenas aos que estavam no alto escalão da instituição militar, os quais não haviam nem mesmo experimentado o desespero do cólera e a calamidade da fome:

Se a expedição tinha sofrido para chegar ao Apa, quando ella se vio sem gado nem mantimentos e teve que recuar de um lugar chamado Invernada da Laguna, parece que tudo quanto é desgraça se juntou para fazer a gente ter saudades dos tempos de dantes.

Que calamidades, meu Deos!

Inimigo era o menos, e Juca Ventura fez pagar caro a muito castelhano de blusa vermelha o incommodo de vir os procurar tão longe, **mas o cholera, mas a fome, mas o fogo na macega do campo, as chuvas, os aguaceiros, o sol de rachar, os rios todos cheios, a falta de caminhos, cruz ! era de quebrantar a coragem de um Roldão.**

[...] tudo andava muito jururú e murcho, porque se via quasi a **morte estar voando por cima da cabeça da gente, matando este, matando aquelle, aquelle outro e assombrando a todos.**

D'ahi a pouco até nem houve outro remédio senão deixar jogados no meio do campo como carniça mais de duzentos companheiros a morrerem de cholera e de ferimentos.

E os ouvidos ouvião aquelles gritos sem ficarem surdos, e o coração batia, mas parecia pedra ou pão porque nada sentia (TAUNAY, 1874, p. 218-219).

Esse fragmento bastante extenso consegue ressumir a ideia principal que norteia o conto “Juca, o Tropeiro”. Temos a Guerra do Paraguai sendo configurada como sintoma de uma reprodução da barbárie. Essa consideração faz-nos recorrer ao estudo de Olga Maria Castrillon-Mendes (2007, p. 70), para quem Taunay produz a cena da guerra do Paraguai, de modo a enfatizar a ausência de um planejamento estratégico por parte dos líderes despreparados para tal empreitada, como também em virtude do cólera que arrasava a Província e, principalmente, pelo desconhecimento da região. O projeto modernizante que o escritor teria proposto para o Brasil não incluía em sua pauta o massacre de determinados grupos sociais. Nesse sentido, como aponta Francisco Alembert (2001), as entradas que o Brasil realizou em nível moderno pelo impulso ao capitalismo, desde suas raízes distantes no tempo, passaram por um processo de digestão da barbárie, cujo refluxo revelou os destroços de um país construído em negativo.

O recurso a uma linguagem fatalista permite-nos ver de que modo os sofrimentos são listados pelo narrador como uma sequência de calamidades que resultariam no desastre que foi a Guerra. O cólera, sendo projetado como uma doença surgida no bojo da Guerra, leva os voluntários da pátria ao sentimento de indiferença frente ao sofrimento do outro com a chegada da morte. Temos, com isso, que a necessidade de se legitimar o território brasileiro, à época da Guerra, acabou sendo vista como uma forma de massacre e proliferação de gestos bárbaros. Segundo a perspectiva de Benjamin (1994), a barbárie não constituiria apenas o avesso da civilização, mas seria o seu pressuposto na construção dos elementos culturais. Benjamin, deste modo, coloca a barbárie como algo próprio da civilização, o que nos permite reconhecer que a legitimação da nacionalidade em nosso país teve de lançar mão da violência e da exploração das classes oprimidas para se alastrar pelo território brasileiro. Forma esta de alastramento, que apenas ressaltou o vazio discursivo de um sentimento de nacionalidade bastante contraditório em sua estampa, como o é a personagem Juca Ventura.

Conclusão

Com base na exposição feita neste trabalho, ressaltamos o fato de que o conto “Juca, o Tropeiro”, do Visconde de Taunay, questiona a individuação regional como tentativa de projetar a nacionalidade brasileira. Tal conjuntura além de ser observada pela figuração da personagem Juca Ventura, ainda foi vista no modo como o narrador deste conto trata da instituição militar, realçando que nem mesmo ela seria capaz de produzir as insígnias da tão sonhada homogeneidade do Estado-nação a ser construída pelo II Reinado no Brasil. A Guerra, nesse caso, acabou por levar o país ao retrocesso, ainda mais quando a relacionamos com a derrocada da perspectiva de futuro e da concretização do amor de Juca Ventura. Mostra-nos, com isso, a contradição presente no processo de formação identitária que, no Brasil do século XIX, buscou no autoritarismo a resposta para fazer com que o país entrasse no rol das grandes nações modernas.

Partiu-se, portanto, do desejo de alastrar a força de atuação da política pregrada pelo II Reinado usando mostras do poder bélico brasileiro que ainda estava em sua primeira infância. Visualizamos assim a forma pela qual o autoritarismo político do II Reinado encontrou na Guerra sua faceta ideológica. Trata-se de pensarmos de acordo com a perspectiva crítica de Roberto Schwarz (1992), para quem o Brasil em seu processo de formação alocou a ideologia liberal de maneira inapropriada em relação à realidade. Incongruente, aliás, se propor uma Guerra sem um planejamento viável até mesmo para o recrutamento dos seus consortes. Desse modo, delineamos que a forma como a Guerra da Tríplice Aliança foi configurada no conto “Juca, o Tropeiro” enfatiza a percepção de que era necessária a institucionalização da violência para a construção da unidade nacional no país. Uma violência que, como diria Francisco Foot Hardman (1998), era empregada nas relações sociais com aqueles que não faziam parte da oligarquia ainda presente na sociedade brasileira, a saber, o sertanejo.

Referências Bibliográficas

- 1] ADORNO, Theodor. HORKHEIMER, Max. Ulisses ou o mito e esclarecimento. In: _____. **Dialética do Esclarecimento**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.
- 2] ALEMBERT, Francisco. Literatura e política no Visconde de Taunay. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Napoleão de orgs.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2001.
- 3] ALMEIDA, José Maurício Gomes de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. 2. ed. Rio de Janeiro: TopBooks, 1999.
- 4] BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994a.
- 5] _____. Sobre o conceito da história. In: _____. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. Trad: Sérgio P. Rouanet; Prefácio: Jeanne M. Gagnebin. 7. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994b.
- 6] CASTRILLON-MENDES, Olga Maria. **Taunay viajante e a construção da imagética de Mato Grosso**. Tese (Doutorado em Letras) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.
- 7] HARDMAN, Francisco Foot. Tróia de taipa: Canudos e os irracionais. In: _____. HARDMAN, Francisco Foot (org.). **Morte e progresso: cultura brasileira como apagamento de rastros**. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.
- 8] MARETTI, Maria Lídia Lichtscheidl. **O Visconde de Taunay e os fios da memória**. São Paulo: Editora UNESP, 2006.

9] NASCIMENTO, Naira de Almeida. Do sertanejo à Campanha imigratória: imagens do Brasil pelo Visconde de Taunay. **Revista de História Regional**, v. 13, n. 2. 2008. Acesso em: www.laktech.com/exemplos/cds/rhr/export/435-2587-1-PB.pdf. Acesso em: jul. 2009.

10] SCHWARZ, Roberto. _____. As idéias fora do lugar. In: _____. **Ao vencedor as batatas**. São Paulo: Duas Cidades, 1992.

11] SOUZA, Eneida Maria. A preguiça - mal de origem. **Alceu**, Rio de Janeiro, v. 1, n.2, 2001.

12] TAUNAY, Visconde de. Juca, o Tropeiro. In: _____. **Historias Brasileiras**. Rio de Janeiro: Garnier, 1874.

13] ZILLY, Berthold. A Barbárie: antítese ou elemento da Civilização? Do Facundo de Sarmiento a Os sertões de Euclides da Cunha. In: ALMEIDA, Ângela Mendes de; ZILLY, Berthold; LIMA, Napoleão de (orgs.). **De Sertões, Desertos e Espaços Incivilizados**. Rio de Janeiro: FAPERJ/MAUAD, 2001.